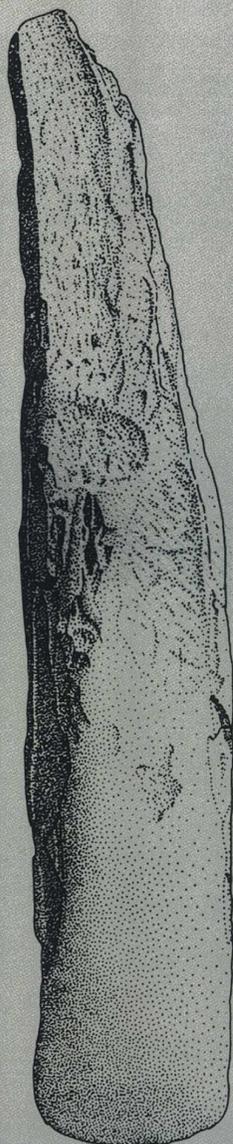


ARQUEOLOGIA DA REGIÃO DE FRATEL

Um olhar entre a Pré-História e os Tempos Modernos

ITINERÁRIOS POR TERRAS DA AÇAFA



ASSOCIAÇÃO
DE ESTUDOS
DO ALTO TEJO

Castelo Branco
Idanha-a-Nova
Proença-a-Nova
Vila Velha de Ródão



Neste folheto identificam-se alguns dos mais significativos monumentos e sítios de interesse arqueológico situados na região de Fratel. Sugere-se a visita aos locais sinalizados e a observação panorâmica de outros. Os números indicados no texto correspondem aos monumentos e sítios assinalados no mapa.

Os principais acessos à região de Fratel são a Auto-estrada da Beira Interior (A23), trechos do antigo IP2 e a EN 241 com ligação ao IC8. Antes de percorrer o território de Fratel recomenda-se uma visita à exposição permanente Arqueologia de Ródão, no Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, em Vila Velha de Ródão, onde se exibem materiais arqueológicos provenientes daquela região e uma panorâmica geral da arqueologia do concelho.

Sugere-se a consulta de outros roteiros da série Itinerários por Terras da Açafa, nomeadamente

Arte Rupestre do Vale do Tejo e Património

Construído na Área das Portas de Ródão

e ainda o folheto Arte Rupestre do

Vale do Tejo. A arte dos povos neolíticos do Vale do Tejo, editado pelo CIART - Centro de Interpretação da Arte Rupestre do Vale do Tejo (Vila Velha de Ródão).



1

Penedo Gordo (1)

É o ponto mais alto do concelho, na serra das Talhadas. Em dias de boa visibilidade tem-se uma panorâmica do território de Fratel em cujo extremo Sul se vislumbra o cabeço granítico do Castelejo (2), próximo de Gardete. Na escarpa oriental desta serra existe uma cavidade lendária, a Buraca da Moura, e algumas gravuras rupestres (covichas). O acesso, por estrada alcatroada, faz-se a partir de Gavião de Ródão, uma aldeia que conserva alguns exemplares de arquitectura tradicional.



4



5

Foz do Cobreão (3)

Nesta povoação, para além de um núcleo urbano com interesse patrimonial e de vestígios de uma das mais antigas unidades tégis da Beira Baixa, existem restos de amontoados de calhaus rolados (conheiras) nas margens do Ocreza (4), onde se explorou ouro de aluvião até ao séc. XX. Recomenda-se uma vista panorâmica das Portas do Almoutão (5) a partir da estrada que liga Foz do Cobreão a Chão das Servas.

Castelo e Capela das Portas de Ródão (6)

A partir do pequeno castelo templário tem-se uma vista sobre as Portas de Ródão (7), onde se situa a lendária Buraca da Moura, e sobre o acampamento paleolítico de Vila Ruivas (8), situado num terraço fluvial. Neste sítio arqueológico, hoje oculto, foram escavadas duas cabanas, lareiras e recolhidos instrumentos de pedra do Paleolítico Médio.

Em níveis superficiais ocorrem materiais

do Paleolítico Superior. Junto ao castelo fica a Ermida de Nossa Senhora do

Castelo (séc. XVII). O castelo e a capela formam um conjunto classificado como imóvel de interesse público. O acesso a este local está sinalizado na estrada que liga Ródão a Vila Ruivas, a partir da ponte sobre o Tejo. Recomenda-se especial cuidado na passagem, sem guarda, sobre a linha de caminhos-de-ferro.

6

Anta do Cabeço d'Ante (9)

É uma pequena sepultura pré-histórica, com câmara e corredor indiferenciados, construída com lajes de xisto.

Conserva vestígios de mamoa. O acesso ao local faz-se por um caminho de terra batida, a partir da estrada que liga Vila Ruivas a Perdigão.

8



Lagar Social de Vila Ruivas (10)

A estrada que liga Vila Ruivas a Fratel proporciona uma vista panorâmica sobre um antigo lagar de azeite situado no ribeiro de São Pedro em cujas encostas se conservam inúmeros muros de sustentação de oliveiras, muito comuns nesta região no auge daquela cultura e antes da sua substituição por povoamentos de pinheiro e eucalipto.

Charneca das Vinhas (11), mamoa das Vinhas (12) e anta do Cabuzo (13)

Esta plataforma de detritos areno-argilosos foi habitada na Pré-História. No seu bordo sul existe uma sepultura pré-histórica (12) envolvida por um montículo artificial, sub-circular, constituído por terra e pedras (mamoa). Este monumento foi objecto de escavação arqueológica que revelou artefactos líticos e cerâmicos que apontam para uma utilização no Neolítico-Calcolítico.

Tem acesso por caminho de terra batida a partir da estrada que liga Vila de Boi a Marmelal. A ocidente, no topo de um cabeço, nas proximidades de



13

Marmelal, restam visíveis cinco espessos esteios de xisto que delimitam a câmara funerária de uma anta (13).

Charneca de Vilar de Boi - Peroledo (14) e mamoa de Alteza (15)

Esta plataforma também foi habitada na Pré-História. No seu rebordo Norte, junto de uma antena de telecomunicações, existe uma sepultura pré-histórica (15) em forma de mamoa, com cerca de 25m de diâmetro. O acesso faz-se por estrada a partir de Vilar de Boi, com passagem sob o IP2 e a A23, seguindo-se um caminho de terra batida.



Anta de Santo Amaro (16)

A leste da capela de Santo Amaro (17) existem restos de uma sepultura megalítica, com câmara e corredor, construída com blocos de xisto (16). O acesso faz-se a pé a partir da capela de Santo Amaro, que está situada no "campo" da aldeia de Vilar de Boi. Nas traseiras da capela existe uma pequena sepultura escavada na rocha (18), classificada como valor concelhio. Nas proximidades encontram-se restos de outra anta.

Fratel (19)

Na sede de freguesia pode visitar-se a Igreja Matriz (Igreja de São Pedro), um templo construído no séc. XVI, com uma nave, sacristia, torre sineira, capela-mor, anexo e baptistério. No exterior existe uma lápide funerária brasonada.



Charneca de Fratel (20) e mamoa da Charneca das Canas (21)

Na plataforma sobranceira à povoação de Fratel encontram-se vestígios arqueológicos numa extensão de cerca de 20 hectares. As escavações ali realizadas nos anos 80 revelaram dois principais níveis de ocupação pré-histórica. A ocupação mais antiga

corresponde ao Neolítico Final e tem maior desenvolvimento em superfície, ocupando a totalidade do planalto, ainda que de modo disperso. O segundo nível de ocupação, datado do Calcolítico Inicial, ocupa uma área mais restrita do planalto, onde foi construída uma muralha (20) com 2m de largura dispondo de uma entrada defendida por um grande bastião semi-circular. No rebordo sul deste planalto existe uma mamoa (21) que forneceu inúmeros artefactos em pedra lascada, pedra polida e cerâmica que indicam uma utilização no Neolítico e Calcolítico. Este espólio está patente na exposição Arqueologia de Ródão.

Estação dos caminhos-de-ferro de Fratel

No troço de rio subjacente a esta estação situa-se o maior núcleo do santuário rupestre do Tejo (22) com cerca de 5000 gravuras hoje totalmente submersas. Este espaço sagrado estaria, certamente, em relação directa com o povoado pré-histórico da Charneca de Fratel. Neste zona tem lugar uma importante

travessia do rio Tejo, a barca do Fratel. Nas proximidades, a jusante da estação, num cabeço sobranceiro ao rio, existe uma mamoa (23). A montante da estação, em local de acesso difícil, junto de uma ponte ferroviária, conserva-se uma antiga inscrição sobre rocha (24) onde está inscrito o nome do rio Tejo (TACVYS) em latim.

Rocha com covinhas da Malaguarda (25)

No vale superior do ribeiro Malaguarda pode observar-se um afloramento de xisto onde foram gravadas mais de cem covinhas no decurso de cerimónias rituais, talvez durante a Pré-História Recente. Motivos deste tipo encontram-se com frequência em antas e menires. Situa-se no lado Sul da estrada alcatroada que liga Fratel à Carepa.

Cova da Moura (26)

Cerca de 1km a Norte de Carepa encontram-se importantes vestígios de uma exploração mineira em galeria, da época romana, no sítio denominado Cova da Moura. Foi danificada pela instalação de monoculturas florestais e infraestruturas associadas.



Cabeço da Velha (27)

Na pequena charneca de Juncal, denominada Cabeço da Velha, foram identificados vestígios de um acampamento do

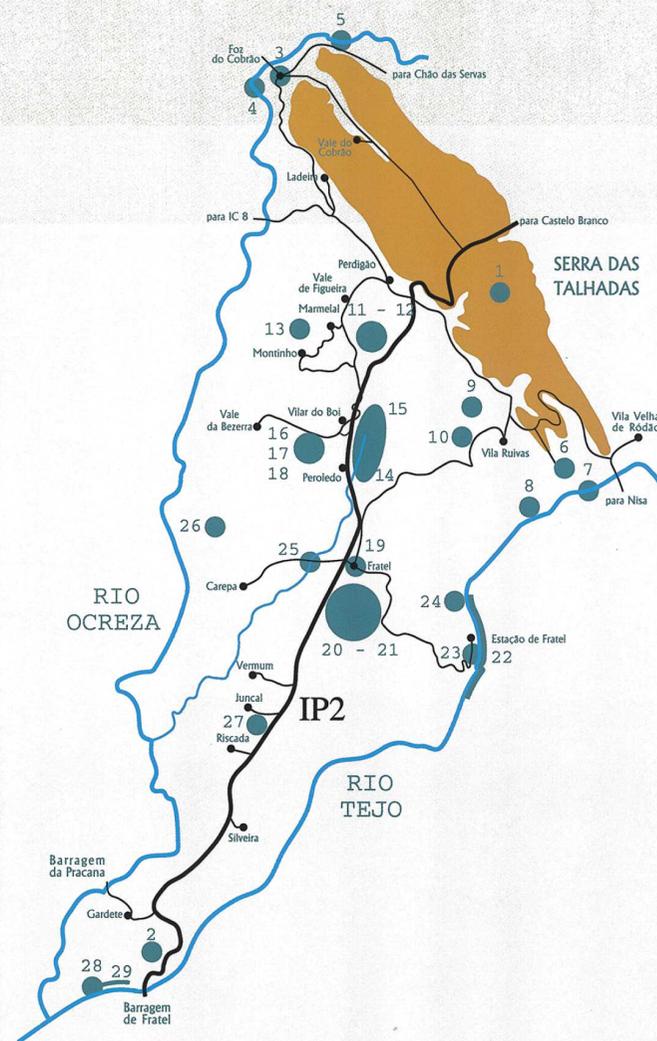
Neolítico Final. As escavações ali efectuadas nos anos 80 revelaram vestígios de cabanas (buracos de postes, empedrados de combustão e cinzeiros) e abundantes artefactos de pedra polida, de pedra lascada e cerâmica. Estes vestígios testemunham uma pequena comunidade, de vocação agrícola pouco acentuada, que basearia a sua subsistência na caça. O sítio arqueológico não é visitável, no entanto o cabeço pode ser observado a partir da estrada municipal de acesso a Juncal.

Castelejo de Gardete (2)

Na aproximação à barragem de Fratel, a partir de Gardete, pode observar-se o perfil bem destacado na paisagem do cabeço granítico denominado Castelejo. Admite-se que tenha sido ocupado na Pré-História.



Mapa de Monumentos e Sítios



- | | | |
|--|-------------------------------|---|
| 1 - Penedo Gordo | 12 - Mamoa das Vinhas | 21 - Mamoa da Charneca das Canas |
| 2 - Castelejo de Gardete | 13 - Anta do Cabuzo | 22 - Núcleo de Arte Rupestre de Fratel |
| 3 - Foz do Cobrão | 14 - Charneca de Vilar de Boi | 23 - Mamoa da Estação de Fratel |
| 4 - Conheiras do Ocreza | 15 - Mamoa de Alteza | 24 - Inscricao Rupestre |
| 5 - Portas do Almourão | 16 - Anta de Santo Amaro | 25 - Rocha com covinhas da Malaguarda |
| 6 - Castelo e Capela das Portas de Ródão | 17 - Capela de Santo Amaro | 26 - Cova da Moura |
| 7 - Buraca da Moura | 18 - Túmulo escavado na rocha | 27 - Cabeço da Velha |
| 8 - Sítio Paleolítico de Vila Ruivas | 19 - Fratel | 28 - Núcleo de Arte Rupestre de Gardete |
| 9 - Cabeço d'Ante | 20 - Charneca de Fratel | 29 - Muro de Sirga |
| 10 - Lagar Social de Vila Ruivas | | |
| 11 - Charneca das Vinhas | | |



Núcleo de arte rupestre de Gardete (28)

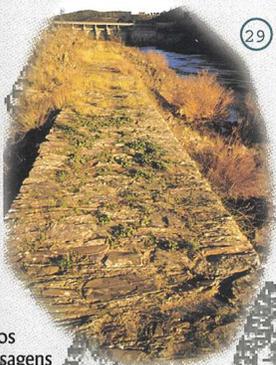
A jusante da barragem de Fratel, na margem direita do rio, situa-se um dos raros conjuntos de rochas com arte esquemática pós-paleolítica (arte rupestre do Tejo) que é possível observar no rio Tejo.

Integra motivos geométricos, nomeadamente círculos, sóis e linhas

onduladas e, ainda, representações humanas estilizadas e pegadas. O acesso pode fazer-se sobre um velho muro de sirga (29) que era utilizado como apoio ao transporte fluvial antes da construção do caminho-de-ferro. É conveniente que a visita seja efectuada com guia.

O território de Fratel e o seu povoamento

A área sudoeste do concelho de Vila Velha de Ródão, que corresponde à freguesia de Fratel e parte da freguesia de Vila Velha de Ródão, tem uma configuração triangular sendo fechada por três acidentes naturais marcantes, os rios Ocreza e Tejo, a Oeste e a Sudeste, e uma alta crista quartzítica, integrada na Serra das Talhadas, no lado Nordeste daquele território.



A intersecção da Serra das Talhadas pelos rios Ocreza e Tejo deu origem a duas passagens monumentais, as Portas de Ródão e as Portas do Almourão. A parte central desta serra, entre o Perdigo e Alvaiade/Cerejal, é atravessada por um importante desfiladeiro, a Portela da Milharica.

O território de Fratel tem como substrato geológico xistos e grauwáques (do Pré-Câmbrico Superior) em plataforma muito fissurada por múltiplos cursos de água que afluem nos dois rios que o marginam. Em contraponto a uma topografia mais aplanada na parte central do território, onde ainda se conservam extensos depósitos de tipo planáltico e matriz areno-argilosa (correspondem às charnecas na toponímia local), de idade Terciária, nas margens daqueles dois rios observa-se uma sucessão de barrocas, por vezes muito encaixadas como é o caso da Barroca da Micoca.

O alto relevo que marca o limite Nordeste deste território é constituído por rochas duras (quartzitos) de cronologia Ordovícica, definindo cristas alongadas e vales alcançados, no interior dos quais conservam também xistos argilosos. Junto a Gardete ocorre a única erupção granítica deste concelho, um cabeço cónico, sobranceiro à barragem de Fratel, denominado Castelojejo.

Nos terraços fluviais, quaternários, situados a jusante e também a montante das Portas de Ródão – onde se depositaram seixos de quartzito adequados à produção de instrumentos por lascamento - foram identificados os mais antigos vestígios de povoamento humano desta região (Paleolítico Inferior, Médio e Superior, de 150.000 a. C. a 8.000 a. C.). No território de Fratel, perto de Vila Ruivas e a jusante das Portas de Ródão, encontra-se um desses terraços com vestígios de habitações atribuíveis ao homem de Neandertal (Paleolítico Médio).

Mas é a Pré-História Recente, é provavelmente a um período situado no V, no IV e no III milénio a. C. (Neolítico e Calcolítico), que corresponde a maior

parte dos vestígios arqueológicos identificados neste território.

De facto, as charnecas da região de Fratel, e concretamente a Charneca das Vinhas (Montinho, Marmelal), a Charneca de Vilar de Boi, a Charneca de Fratel, a Charneca do Jaçome e o Cabeço da Velha, foram habitadas de forma dispersa por comunidades agro-pastoris, que praticariam também a caça, a pesca e a recolha. Os vestígios dessa presença são, por exemplo, instrumentos em pedra polida e pedra lascada, recipientes cerâmicos, sem decoração e mos manuais, para laminação de sementes cultivadas e frutos recolectados. Estes artefactos estão associados a habitações de carácter precário e de uso temporário (cabanas), talvez sazonal. No Calcolítico surgem as primeiras estruturas muralhadas (na Charneca de Fratel) indicando uma possível concentração do povoamento.

Estas comunidades enterraram os seus mortos em inúmeras sepulturas (antas) em forma de câmara, com ou sem corredor, construídas com lajes de xisto fincadas no solo e envolvidas por montículos artificiais constituídos por terra e pedras (mamoas). Estas sepulturas espalhavam-se por todo o território, desde as colinas elevadas, no rebordo das charnecas planálticas, até pequenos relevos sobranceiros aos rios e, principalmente, no espaço entre povoados, ocupando topos de cabeços xistosos.

Para além da componente funerária o mundo mágico-religioso destes povos está vigorosamente representado num vasto santuário ao ar-livre, materializado em sucessivos conjuntos de rochas gravadas nas margens dos rios Tejo e Ocreza (complexo de arte rupestre do Vale do Tejo). São largos milhares de signos, feitos por picotagem em superfícies sub-horizontais, onde se incluem representações humanas e de animais e, maioritariamente, figuras geométricas de sentido mitográfico.

Um dos aspectos interessantes do povoamento deste território é a proximidade entre os habitats pré-históricos e as povoações actuais, de génese medieval-moderna. Esta matriz de povoamento, polarizada nas charnecas, pode encontrar explicação no facto daquelas plataformas funcionarem como reservatórios de água permanente e, ao mesmo tempo, garantirem condições de habitabilidade e de produção agrícola mais favorável, tanto nos topos aplanados como nos sopés.

No território de Fratel são menos expressivos os vestígios da presença humana durante a Idade do Bronze. No entanto, segundo alguns especialistas da arte do Tejo, devem atribuir-se a este período uma boa parte das figuras geométricas gravadas nas margens daquele rio. Em escavações ou à superfície também se recolheram alguns materiais cerâmicos que apontam para ocupações daquela época, na região em apreço, e que são compatíveis com as diferentes estratégias de povoamento praticadas na Idade do Bronze (em espaços abertos ou em pontos elevados com valor estratégico).

Ainda não foram identificados vestígios atribuíveis à Idade do Ferro embora se conheçam sítios deste período noutras zonas do concelho e em concelhos vizinhos. Referimo-nos a pequenos recintos muralhados situados no topo de cabeços envolvidos por apertados meandros fluviais, como são os casos do Castelojejo do Tostão e do Castelo do Peral.

A romanização está também documentada neste território através de habitats e de explorações mineiras. No Lameiro de Tomar (Marmelal) foram recolhidos recipientes cerâmicos atribuíveis ao séc. II d. C. que indiciam a existência de uma villa naquele local. Na Cova da Moura existiu uma importante mina de cobre e é provável que as colheiras (amontoados artificiais de calhaus rolados) localizadas nas margens do rio Ocreza sejam o resultado da exploração de ouro de aluvião pelos romanos. O território de Fratel é atravessado longitudinalmente por uma importante rodovia cujo andamento geral corresponde a uma via, mais antiga, que pode remontar à ocupação romana, a chamada estrada dos Mouros ou estrada de Abrantes.

Por deficiência de investigação, são escassos os monumentos que podemos claramente atribuir à Idade Média. Pode citar-se a este propósito o castelo templário das Portas de Ródão (séc. XII) que esteve integrado na Acafa, domínio da Ordem do Templo. Alguns dos sítios habitados no período romano mantiveram-se decerto na Alta Idade Média e sob o domínio muçulmano, como o sugere o toponímico Alcaria.

A grande maioria das construções com interesse patrimonial, do ponto de vista arquitectónico e etnológico, como povoações, templos, moinhos de rodízio, lagares, muros de sirga, poços com noia ou picota, vras, muros de diversos tipos, etc, correspondem aos últimos 500 anos ou seja às Idades Moderna e Contemporânea.

A memória popular regista, sob a forma de lendas, episódios bélicos ocorridos na região de Fratel talvez aquando da 1ª Invasão Francesa.

Bibliografia

A. Diogo & J. Catarino, Materiais do Sítio Romano do Lameiro de Tomar, Fratel (Vila Velha de Ródão), 1992 • A. M. Baptista, A Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo, Porto, 1981 • A. Nunes, J. Hornigó, F. Henriques, J. Caninas & F. Correia, As Invasões Peninsulares e a Região de Ródão-Proença, Vila Velha de Ródão, 2002 • F. A. Pereira da Silva, Mamoa da Charneca das Canas, Vila Velha de Ródão, 1981 • F. Henriques et al., Carta Arqueológica do Concelho, Lisboa, 1986 • G. Batista, Vila Velha de Ródão-Viagens do Olhar, Vila Velha de Ródão, 2001 • J. Caninas, F. Henriques & J. Gouveia, O Castelo de Ródão e a Capela da Senhora do Castelo, Marvão, 1997 • J. L. Cardoso, C. Tavares da Silva, J. Caninas & F. Henriques, A Ocupação Neolítica do Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão), Trabalhos Realizados em 1988, Lisboa, 1998 • L. Raposo, A Ocupação Humana Paleolítica do Vale do Tejo em Território Português, Lisboa, 1987 • M. V. Gomes, Arte Rupestre do Vale do Tejo, Lisboa, 1987 • P. Cunha & A. A. Martins, Património Geológico e Geomorfológico da Área de Vila Velha de Ródão, Lisboa, 2000 • P. Soromenho, Lendário Rodanense, Lisboa, 1965.

Indicações Úteis

Informações: Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), Vila Velha de Ródão, 272541122 (tel./fax), altotejo@vrr@mail.telepac.pt • Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão, Vila Velha de Ródão, 272545308 (tel.), cultura@cm-vrodão.pt.

Alojamentos: Turismo em Meio Rural, Silveira, 272566393 (tel.) • Turismo em Meio Rural, Casa do Cerro, Foz do Cobrão, 967085770 (telem.) • Centro de Dia de Fratel, 272566201 (tel.) • Complexo Turístico Portas de Ródão, Vila Velha de Ródão, 272545250 (tel.)

Restaurantes: Restaurante JJ, Fratel, 272566125 (tel.), encerra aos Domingos • Café Restaurante Amoreiras, 272566138 (tel.).

Posto de venda de produtos locais: Artes e Sabores de Ródão - Exposição e Venda Permanente de Produtos Locais e Artesanato, Salão de Exposições na Estação de Serviço de Samadas, IP 2, Samadas de Ródão, 967228492 (telem.), 272540300 (tel.), encerra à 3ª Feira.

Outros contactos telefónicos: Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão (CMVVR), 272540300 • Junta de Freguesia de Fratel, 272566187 • Centro de Saúde de Vila Velha de Ródão, 272566172, 272541033 • Guarda Nacional Republicana, 272545121.

Ficha Técnica

Texto: João Carlos Caninas, Francisco Henriques e Jorge Gouveia.

Colaboração: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento (CMCD) de Vila Velha de Ródão e Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão. **Fotografia:** AEAT, Anibal Santos para CMCD e Pedro Vasconcelos.

Desenhos (capa e fundo): Bernardo Ferreira, in J. Cardoso, J. Caninas e F. Henriques, A Anta 2 do Couto da Espanhola, Estudos Pré-Históricos, 5, Viseu, 1997. **Editores:** AEAT e CMVVR. **Apoios:** Instituto do Ambiente, Instituto Português da Juventude - Delegação de Castelo Branco e Junta de Freguesia de Fratel. **Design Gráfico:** Delírio do Boi. **Impressão:** INOVA - Artes Gráficas

A Associação de Estudos do Alto (AEAT) Tejo recebeu o Prémio Ford Motor Company para a Conservação e Ambiente em 1992 (Prémio Nacional e Categoria Património Histórico) e em 2002 (Categoria Património Histórico). A AEAT é membro da Confederação Portuguesa das Associações de Defesa do Ambiente e da Federação das Associações Juvenis de Castelo Branco.

Apoios

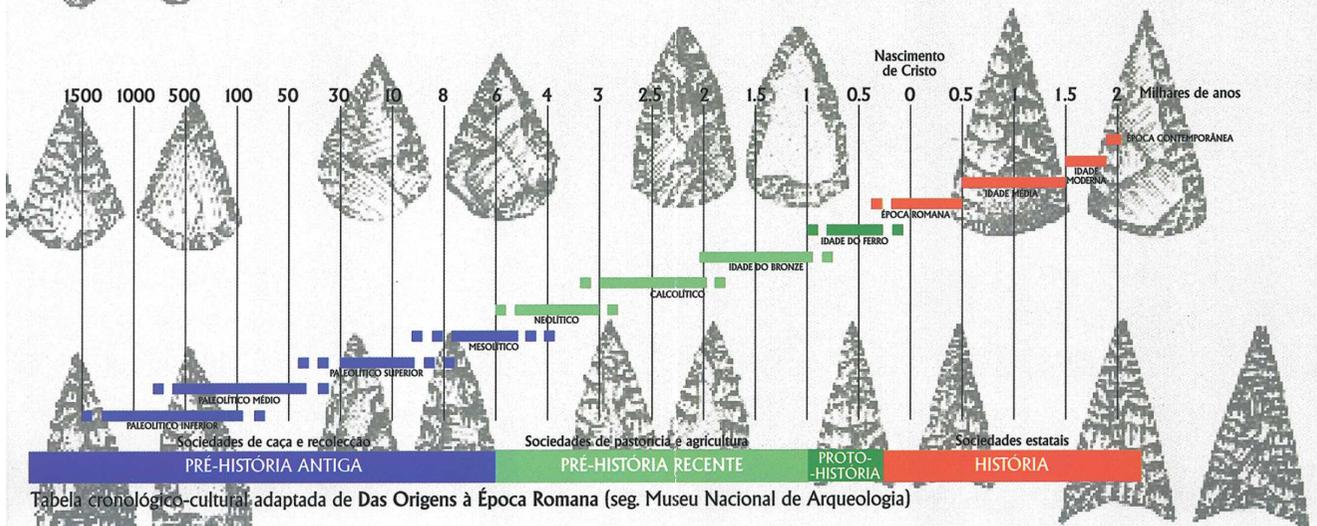
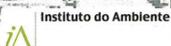


Tabela cronológico-cultural adaptada de Das Origens à Época Romana (seg. Museu Nacional de Arqueologia)